

Cidade revelada: pobreza urbana em Salvador-BA

Antonio Mateus de C. Soares

(Pesquisador no Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia – Mestre EESC-USP/Doutorando pela FFCH-UFBA)

Resumo

A constituição dos territórios de pobreza em Salvador-BA, é obediente à lógica imobiliária capitalista que direciona os pobres para áreas periféricas e menos valorizadas, fortalecendo o “padrão periférico” de urbanização que pode ser compreendido como um tipo de apropriação do espaço urbano que atende aos interesses da classe dominante. Deste modo, este artigo tem como uma de suas finalidades compreender como se constituiu a territorialização da pobreza em Salvador-BA. Atento para a atuação do padrão periférico de urbanização e suas constituições no tecido urbano de Salvador-BA. Sabemos que a cidade como um produto do capitalismo tende a obedecer as re-invenções do capital, que em sua versão financeirizada, se manifesta na *urbe* através de territórios que se diferenciam, tanto pela situação física das edificações, como pela presença ou não do Estado de Direito. Tal situação, nos leva a categorizar a cidade como formal, informal, legal e ilegal, demarcando assim, territórios de riqueza e territórios de pobreza.

Palavras-chave pobreza, territorialização, Salvador-BA

Abstract

The constitution of poorness neighborhoods in Salvador – BA follows the real state capitalism that makes poor people migrate to peripheral and unvalued neighborhoods, increasing the peripheral kind of urbanization that can be understood as a kind of taking the urban space according to dominant class interests. One of the goals in this article is understand how was conceived the poorness territories in Salvador – BA, focusing the peripheral kind of urbanization and its constitutions in Salvador – BA urban tissue. As known the city is a capitalism product that inclines to obey the reinventions of the capital, which in its financial version, express itself in the urbe through the territories that are different from each other, in as much as its physical appearance, in as much as existing or not the Right State there. This situation make us to categorize the city as formal, informal, legal and illegal, delimiting consequently poorness and richness territories.

Key words *poorness, territories, Salvador –BA*

Introdução

Ao longo de uma pesquisa de quase três anos, junto ao Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia CRH/UFBA, muitas inquietações foram surgindo no transcurso da análise dos dados e nos diálogos sobre a cidade e o urbano. Nas discussões que focalizavam a cidade de Salvador, às questões relacionadas à pobreza urbana e sua trajetória histórica de acúmulo de carências sempre chamaram nossa atenção e foram aguçadas recentemente com o contato periódico com áreas do Subúrbio Ferroviário de Salvador e com bairros do “Miolo Urbano”, percebemos que estas áreas foram constituídas desde sua origem com a finalidade específica de atender a uma demanda de moradores pobres, sinalizando um tipo de urbanização que se reproduz a partir de um “padrão periférico” (CARVALHO & PINHO, 1996, p.36) de urbanização que consolida bolsões de pobreza se expressando na precarização da infra-estrutura física e pela ausência de serviços públicos: transporte, saneamento, segurança etc.

A cidade contemporânea como produto do capitalismo é o lugar das demarcações da riqueza e da pobreza, lugar onde a luta de classe se manifesta implacavelmente tanto nas relações de trabalho e exploração, como na forma que se processa a apropriação do espaço urbano. Salvador, enquanto metrópole do capitalismo periférico serve como referência para analisarmos como a desigualdade social se territorializa no tecido urbano. Com aproximadamente 2,8 milhões de habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2007), Salvador é a terceira cidade mais populosa do país e comanda a sexta região metropolitana brasileira, com quase 3,3 milhões de habitantes. De acordo com estudos de Almeida e Damasceno (2005, p.32) Salvador cresceu à taxa de 1,9% no ano de 2004: mais rápido que Recife e Belo Horizonte, mas a uma velocidade inferior à de Fortaleza e Brasília.

Atualmente, entre as 12 principais cidades brasileiras, Salvador ocupa o 8º. lugar em [Índice de Desenvolvimento Humano - IDH], e possui um dos maiores índices de desempregos do país, atualmente 16,3% da população soteropolitana não possui emprego (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento- PNUD/ONU – 2004), situação de desigualdade social que se manifesta nas formas de apropriação da cidade e nas próprias figurações da pobreza.

A topografia acidentada de Salvador torna visível sua pobreza urbana. Ao entrar na cidade, via BR-324, nos deparamos com montanhas e depressões cobertas por um mosaico de barracos que chegam a desaparecer no horizonte, como se aquela paisagem favelizada¹ fosse infinita: ao chegar na cidade, via aérea, ao sair do aeroporto e percorrermos a Avenida Paralela, vetor norte de expansão, nos deparamos com outras áreas de densa precariedade que se manifestam pelos bairros da Paz, São Cristóvão e outros aglomerados em iguais condições de precarização. A pobreza que se materializa e toma forma de cidade está por toda parte em Salvador, misturada, pigmentada e pulverizada em pontos estratégicos do tecido urbano contínuo, e até mesmo no mar, como exemplo o antigo Aglomerado de Palafitas de Novos Alagados, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA.

A pobreza urbana tem formas próprias de manifestação e concentração na *urbe* contemporânea, e sempre se mostra associada à desigualdade do desenvolvimento econômico, que exclui uma grande parcela da população. Em Salvador, assim como em outras capitais, a pobreza se materializa no espaço urbano através do improvisado das formas de moradia e das maneiras de ocupar os espaços da cidade. A população empobrecida cria estratégias para lidar com a

1 Cf. (SOUZA, A. G.2000), no início de 1990, em Salvador, as chamadas “invasões” representavam 14% da área ocupada com habitações na cidade, onde morava, aproximadamente, 30% da população. Conjuntamente com outras áreas ocupadas de maneira informal, correspondiam a 32% da ocupação habitacional, abrigando 60% da população. Como a ocupação dessas áreas, e a própria expansão da cidade, ocorreu dentro do “padrão periférico”, as áreas com condições mais precárias de habitabilidade concentram-se no Subúrbio Ferroviário e no Miolo, enquanto aquelas, em melhores condições, estão na área central e na faixa ao longo da Orla Atlântica.

pobreza, contudo as formas de apropriação de seu espaço na cidade seguem o comando da lógica do mercado imobiliário, que reserva lugares específicos, para a pobreza e para o pobre. Constituindo um padrão de apropriação do espaço urbano que demarcam quais serão os territórios de pobreza e de riqueza, os espaços feios e bonitos, a cidade legal e ilegal. Neste contexto, este artigo tem com um de seus objetivos compreender como se constituiu e se consolidou os territórios de pobreza em Salvador-BA, a partir de uma análise correlacionada com o desenvolvimento da tessitura do tecido urbano e os processos sociais que se fizeram presentes nas formas de apropriação e ocupação da terra urbana em Salvador-BA.

Vale ainda acrescentar que a metodologia utilizada para a realização deste trabalho se constituiu através da pesquisa bibliográfica e a elaboração de um quadro de referencial teórico que privilegiou aprofundamentos em relação às problemáticas vinculadas à pesquisa. Além da revisão bibliográfica realizamos pesquisas em órgãos públicos (SEPLANTEC, CAR, SEI, IBGE/BA, CONDER) com a finalidade de colher dados sobre a cidade de Salvador, objetivando demarcar as áreas da cidade onde se consolidou a territorialização pobreza.

A cidade e sua tessitura

O percentual de urbanização em Salvador avançou de 96,6% em 1991, para 98,4% em 2007. Em concomitância a este processo, observa-se a consolidação de um complexo quadro de periferação e empobrecimento urbano. Salvador possui uma urbanização marcada por um “padrão periférico” obediente às lógicas do capital e às investidas das forças imobiliárias, que acentuam ainda mais a pobreza urbana da capital. A pobreza urbana tem formas claras de manifestação e concentração no cenário urbano: precarização de espaços e vias públicas, favelização, ocupações em encostas, assim como a ausência de infra-estruturas e serviços básicos.

Os territórios urbanos da população pobre de Salvador, assim como os de outras cidades com mesma tipologia de desigualdade, são inexoravelmente demarcados pela lógica do mercado imobiliário, que reserva lugares específicos para a pobreza e para o pobre. Estes lugares produzidos por um Estado que se atrela aos interesses neoliberais (HARVEY, 2004, p.45.) “são esquecidos pelo poder público, redundando em espaços periféricos com urbanização precária, redutos da violência e da segregação social”.

O Subúrbio Ferroviário compõe um dos maiores territórios de pobreza de Salvador tem aproximadamente 500 mil habitantes de acordo com o último censo do IBGE, em sua maioria negros, pobres e com baixa escolaridade, vítimas dos maiores índices da violência urbana do contexto metropolitano. Nesta área há predominância de habitações precárias e deficientes, com aglomerados de barracos em morros, encostas e até mesmo sobre a Baía de Todos os Santos.

A área que conhecemos como “miolo urbano” de Salvador, assim denominado desde os estudos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PLANDURB/1970). É formada por cerca de 40 bairros que ocupam aproximadamente 36% da superfície da cidade, em uma densidade demográfica no intervalo de [15.000 – 25.000 hab/km²], sendo que a parte mais densa corresponde ao do complexo de Cajazeiras², a população que compõem estas áreas sofre com a falta de infra-estrutura urbana básica e com a falta de serviços básicos: educação, saúde, lazer etc.

As áreas urbanas pobres e precarizadas de Salvador não se restringem a duas áreas referidas, mas a observação e o contato com as mesmas nos provoca a desenvolver algumas reflexões e

2 O Complexo Habitacional de Cajazeiras – com 13 conjuntos habitacionais, abrangendo cerca de 18.523, possui hoje aproximadamente 400 mil habitantes.

questionamentos, que podem ser utilizados como sinalizadores de compreensões sobre a territorialização da pobreza urbana em Salvador.

A constituição dos territórios de pobreza em Salvador-BA, foi obediente à lógica imobiliária capitalista que direcionou os pobres para áreas periféricas e menos valorizadas. Situação que fortaleceu o “padrão periférico” de urbanização que pode ser compreendido como um tipo de apropriação do espaço urbano que atende aos interesses da classe dominante. Uma outra reflexão que destacamos neste estudo é que a cidade como um produto do capitalismo tende a obedecer as re-invenções do capital, que na versão neo-liberal, se manifesta na *urbe* através de territórios que se diferenciam, tanto pela situação física das edificações, como pela presença ou não do Estado de Direito. Tal situação, nos leva a categorizar a cidade como formal, informal, legal e ilegal, demarcando assim, territórios de riqueza e territórios de pobreza.

Salvador e as figurações da pobreza

As figurações da pobreza urbana têm como uma de suas variáveis a segregação, entretanto a segregação não pode ser traduzida como uma simples divisão territorial entre pobres e ricos. Para Flávio Villaça (2004, p. 106) toda a segregação é coercitiva, e ainda neste sentido pode, se dizer que a segregação é dominação e exclusão urbana, dimensões contidas nas equações da pobreza e que se espacializam e entrecruzam nas formas de apropriação físicas dos espaços e na constituição ideológica de conteúdos sociais e simbólicos que estão presentes na tessitura da cidade moderna.

Nos estudos comparativos entre as formas de manifestação da segregação na França e no Brasil, Edmond Préteceille (2004, p. 18) afirmou que, mesmo com suas diferentes tipologias, a segregação é uma questão política que pode ser requalificada em termos de exclusão social, econômica e étnico-racial. No caso das cidades brasileiras a segregação se explicita como um movimento pelo qual um grupo populacional é forçado, involuntariamente, a se aglomerar em uma área espacial definida pelos grupos dominantes³.

Segundo Marcuse (2004, p. 24), a segregação é um processo de formação e de manutenção de um gueto, o que não se aplica ao Brasil⁴. O autor ainda problematiza que atualmente são recorrentes formulações como: “auto-segregação”; “guetos voluntários”; ou guetos de classe altas, considerando estas formulações prejudiciais analiticamente. Nas peculiaridades do Brasil - e no caso específico de Salvador - a segregação tem como marco compreensivo a separação por classes econômicas, que possui rebatimentos na dimensão racial; é pertinente, no caso de Salvador⁵, perceber a segregação em uma perspectiva de cruzamento de variáveis sócio espaciais e étnico raciais, em uma clara relação na qual os bairros pobres são habitados por uma população negra e os bairros ricos por uma população branca.

Como a posição na estrutura social e a apropriação do espaço urbano são estreitamente articuladas, o território soteropolitano termina por assumir diferentes “cores”. [...] O miolo e o subúrbio, que apresentam condições mais precárias de habitabilidade e uma menor oferta de equipamentos e serviços urbanos, concentrando as áreas classificadas com populares e subproletárias abrigam, predominantemente, os pretos e os pardos. Eles se concentram, especialmente em bairros como a Liberdade (onde há uma forte identidade étnica, por conta de movimentos sociais e culturais ali sediados), São Caetano, Tancredo Neves, Pau da Lima e Cajazeiras. (CARVALHO, Ináia & PEREIRA, Gilberto C. 2006, p. 98).

3 Há autores como Tereza Caldeira (1997), que dualizam a clássica definição de segregação e acrescenta à discussão a segregação voluntária – a auto-segregação, nas formas de “enclaves fortificados”, a se expressar nos grandes condomínios de luxo – contudo, neste estudo optamos a não utilizar este tipo de segregação como referência. Tendo em vista que consideramos a segregação como uma ação coercitiva e determinada pelo capital imobiliário.

4 Tal afirmação é circunstanciada pelo fato de que no Brasil a segregação tem uma forma diferenciada de espacialização no tecido urbano, no caso de Salvador, por exemplo, as áreas pobres e segregadas estão pulverizadas por todos os cantos da cidade, situação que não se constituem em guetos.

5 Cf. Censo IBGE-2002, em Salvador 54,8% de sua população de identifica como pardo e 20,4% como negro, uma cidade habitada em sua maioria absoluta por afrodescendentes.

Os territórios de pobreza e riqueza em Salvador, possuem pigmentação diferenciada e associada ao poder aquisitivo de sua população. A afirmação de Ilse Scherer Warren, segundo a qual⁶:

[...] a exclusão social é racializada, engendradora, etarizada e espacializada, ou seja, tem cor, gênero ou sexo, idade e localização. A pobreza mais extrema tende a ser preta, feminina, bastante jovem ou idosa e localiza-se nas periferias urbanas” (2004, p. 58).

Neste quadro a pobreza não é um estado social natural, mas o resultado de um processo histórico de exploração, expropriação, discriminação, não instituição de direitos e concentração de renda, riqueza, poder e informação. A exclusão social, a periferação e a segregação urbana, enquanto problemas atuais e urgentes, são produtos de um processo de desregulamentação de mercados, precarização e flexibilização do trabalho, nova divisão social e internacional do trabalho, entre outros processos que remetem a uma composição social de grupos, classes, instituições, empresas e governos que promovem a segregação de populações inteiras no sistema capitalista, isto é, a produção de excluídos da sociedade, os condenados do sistema.

A territorialização da pobreza em Salvador-BA

O tecido urbano de Salvador e suas territorializações não se desenvolveu de forma espontânea, ou à deriva dos interesses ideológicos e econômicos de grupos dominantes, contudo, dizer que a cidade não cresceu espontaneamente, não é concordar que ela evoluiu de forma planejada. A partir da década de 1940 o crescimento urbano de Salvador começou a ser induzido por um profícuo desenvolvimento na indústria (petrolífera e siderúrgica), que fez surgir uma dinâmica de crescimento urbano atrelada a déficits habitacionais e a um rápido processo de expansão e adensamento de áreas favelizadas⁷ que se iniciaram por volta de 1945 do século XX. Estas áreas adensaram-se como parte integrante do fenômeno urbano soteropolitano, como podemos observar nos mapas que seguem.

A partir da comparação dos mapas, percebemos a expressiva expansão urbana de Salvador no transcorrer das décadas. Enquanto na década de 40 observou-se uma ocupação centrada na zona sudoeste, na borda da Baía de Todos os Santos e na área de ocupação inicial da cidade, na década de 60 observamos uma interiorização das ocupações⁸; seguindo as orientações do planejamento inicial, o tecido urbano cresceu continuamente nos anos de 1970; com uma acentuada ocupação na Orla Atlântica, movimento que se mostra constante nas décadas posteriores.

TABELA 1 Comparação do crescimento populacional das cinco maiores cidades do Brasil*

	1960		1970		1980		2005	
	CIDADE	DEM.	CIDADE	DEM.	CIDADE	DEM.	CIDADE	DEM.
1º.	R. Janeiro	3.307.163	S. Paulo	5.241.232	S. Paulo	7.033.529	S. Paulo	10.927.985
2º.	S. Paulo	3.164.804	R.Janeiro	4.315.746	R.Janeiro	5.093.232	R.Janeiro	6.094.183
3º.	Recife	788.569	B.Horiz.	1.126.368	Salvador	1.469.276	Salvador	2.672.360
4º.	B.Horiz.	642.912	Recife	1.070.078	B.Horiz.	1.184.483	B.Horiz.	2.375.329
5º.	Salvador	630.878	Salvador	1.017.591	Recife	1.108.883	Fortaleza	2.374.944

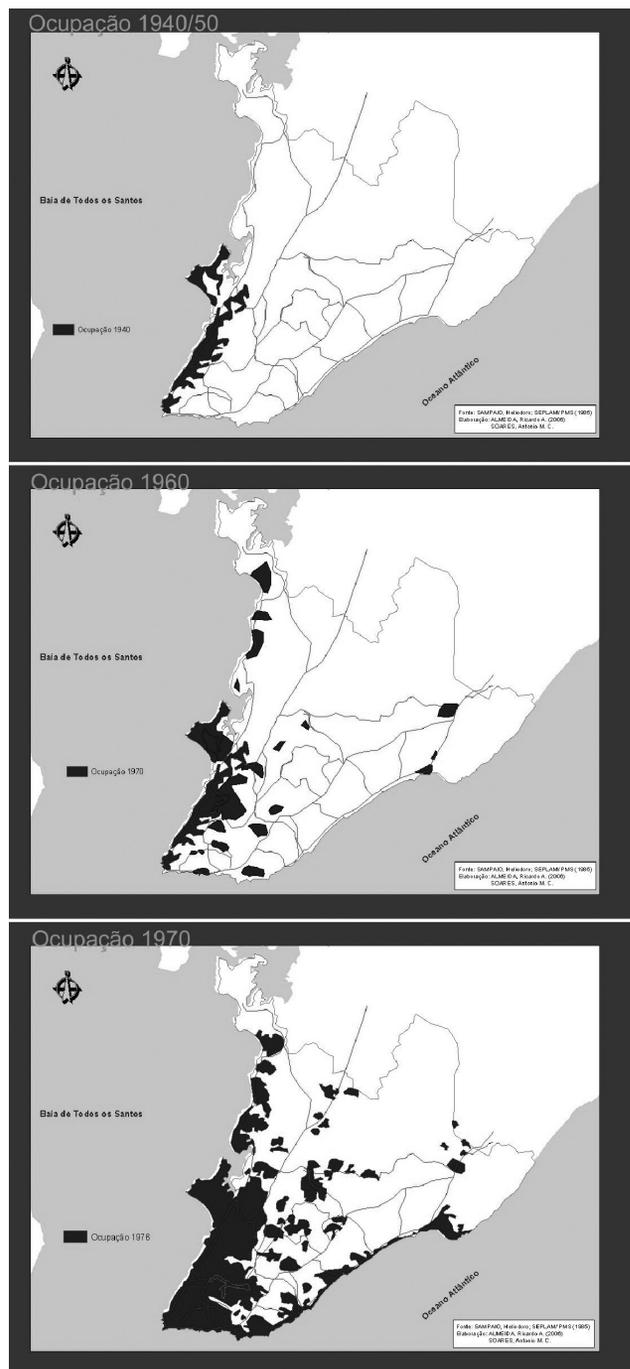
*Os dados do IBGE se referem apenas ao distrito sede. (Adaptada do Caderno LAP 111)

6 Tal afirmação pode ser aplicada sem restrições a Salvador, principalmente quando focalizamos as áreas do subúrbio ferroviário e do miolo urbano.

7 A Invasão do Corta-Braço, mais tarde batizada como bairro de Pero Vaz, foi a primeira a ganhar vulto em Salvador, o que aconteceu em 1946. Com a chegada contínua dos moradores das áreas rurais, novas ocupações não tardaram a surgir. A segunda ganhou o manguezal à margem da Península de Itapagipe e com suas palafitas foi batizada de Alagados. Tantas outras se instalaram nos anos seguintes, algumas foram debeladas ainda nos instantes iniciais, outras firmaram resistência e acabaram por se transformar em bairros.

8 A interiorização estimulada pela elevação dos valores da terra nas proximidades da Orla Atlântica, fez expandir o subúrbio ferroviário e grandes aglomerações na área do Miolo Urbano, a exemplo do Complexo Cajazeiras.

Figura 1 Mapas de ocupação e expansão do tecido urbano de Salvador (1940/70).



Fonte: Arquivos SEPLAM/PMS Adaptação: SOARES, Antonio Mateus de C. & ALMEIDA, Ricardo A. (2008).

A população de Salvador, que era de 630.878 habitantes em 1960, não foram utilizados dados de 1940, pelo de fato de optarmos em utilizar dados do IBGE, que começam a ser disponibilizados, apenas a partir dos anos 50 do séc. XX. Deste modo, a população que era de 630.878 hab., cresce para 1.017.591 (1970); a partir daí, Salvador se deslocou da 5ª posição (1960) em número de habitantes para a 3ª posição (1980) com 1.469.276 (vide tabela 1), posição mantida até os dias atuais, com uma população de 2.672.560 (2005). Tal expansão populacional se associa com o processo de industrialização da capital.

Salvador nos anos de 1970, além do crescimento demográfico, sofreu uma série de transformações sociais, administrativas e econômicas, a exemplo do deslocamento do centro econômico tradicional, que se situava no bairro do Comércio, que foi gradativamente perdendo sua função polarizadora com a instalação do Shopping Iguatemi⁹ (1975), assim como de novos sub-centros comerciais modernos em outras áreas da cidade; o Centro Administrativo da Bahia (CAB), que se localizava no Centro Histórico foi transferido para um moderno conjunto de prédios localizado na Avenida Paralela – área norte da cidade; a região industrial antes localizada no interior do perímetro urbano, especificamente nas imediações do Bairro da Calçada e no Subúrbio Ferroviário – Península de Itapagipe – foi transferida para os municípios de Camaçari, compondo o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e para o Centro Industrial de Aratu (CIA), em uma perspectiva que estabeleceu uma maior integração viária com Salvador e sua região metropolitana.

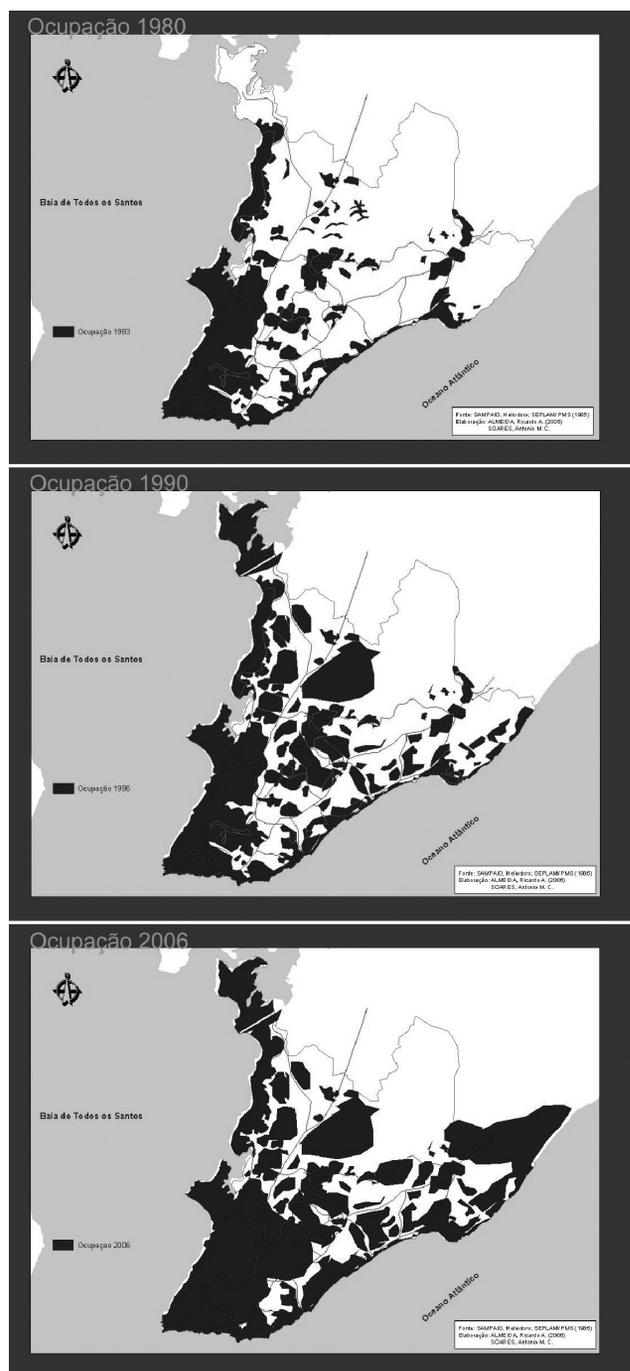
No transcorrer das décadas, observamos que nos anos 80 e 90 um adensamento contínuo na área do miolo urbano de Salvador, sentido vetor norte de expansão; em 2006, observou-se a projeção de um tecido ainda em dinâmica, mas já com uma considerável ocupação na área do miolo, assim como a consolidação da mancha na área da orla suburbana e da orla atlântica. Através destes mapas, compreendemos como o tecido urbano se espalhou no transcorrer das décadas, em uma progressão contínua em direção à área norte da cidade, que passa a estruturar sua expansão urbana, a partir da Av. Paralela (sentido Shopping Iguatemi – Aeroporto Internacional).

A partir dos anos 80 do século XX, o crescimento de Salvador foi progressivo, culminando em uma explícita territorialização de áreas pobres e ricas na cidade. A oscilação topográfica do tecido urbano de Salvador, assim como a sua ocupação rápida e desordenada, dificulta uma circunscrição exata dos limites das áreas ricas e pobres da cidade, contudo temos algumas concentrações que podemos chamar de “mares de pobreza” e outras de “ilhas de riqueza”.

Desta forma, caracterizaremos zonas de contexto, que podem ser consideradas como espaços intra-urbanos nos quais diferentes territórios se articulam. Dimensionaremos a extensão do tecido urbano, dando assim uma maior visibilidade territorial às análises sobre pobreza e seus contrapontos. Apresentaremos na tabela seguinte a dimensão espacial das áreas de contexto e, em seguida, alguns aspectos relevantes de cada área: central, suburbana e do miolo urbano.

9 Cf. (CARVALHO, Ináia M. M.; PEREIRA, Gilberto, 2006, p. 284). A nova centralidade gerada pelo Shopping Iguatemi e pelo conjunto de serviços que sua área de entorno passou a oferecer, não apenas direcionou a expansão da cidade no sentido orla norte, como efetuou a dinâmica do centro tradicional na área antiga da cidade, contribuindo para o seu gradativo esvaziamento.

Mapas de ocupação e expansão do tecido urbano de Salvador (1980/2006)



Fonte: Arquivos SEPLAM/PMS

Adaptação: SOARES, Antonio Mateus de C. & ALMEIDA, Ricardo A. (2008).

Tabela 2 Distribuição das áreas urbanas na cidade de Salvador – BA

(medidas)	CENTRO (bairros adjacentes)	SUBÚRBIO FERROVIÁRIO	MIOLO URBANO	OUTRAS ÁREAS* (incluindo Orla)	CIDADE DE SALVADOR (2.673.560 hab)
Km2	25km2	41.5km2	115km2	143.5km2	325km2
Há	2.500ha	4.145 ha	11.500ha	14.350ha	32.500ha
m2	25.000.00 m2	41.450.00 m2	115.000.00 m2	143.500.00 m2	325.000.00m2
TOTAL(%)	7,5%	12,5 %	36,0%	44%	100 %
hab/km2	31.000 – 41.000	11.000 – 21.000	15.000 – 25.000	**	7.521

Fontes – Dados Secundários IBGE/PMS/PLANDURB
GORDILHO, Ângela (2000); PEREIRA & SILVA (1999)

* Este item se refere às áreas que intercalam outras áreas em estudo assim como áreas limítrofes de Salvador, incluindo a orla marítima.

** Devido a heterogeneidade destas áreas e dificuldade de demarcação, optamos em não fazer cálculos de (hab/km2) neste momento.

*** Posteriormente aprofundaremos outros dados sobre Salvador e as áreas de contexto de interesse nesta pesquisa.

Elaboração – SOARES, Antonio M., 2006 (autor do trabalho)

A área que corresponde ao centro possui uma ocupação consolidada com predominância de boa habitabilidade; é formada por bairros antigos (a partir da déc. de 20) que foram importantes para o processo de estruturação da cidade. Poderíamos considerar esta área como da cidade formal, possuidora de equipamentos urbanos e da atenção dos órgãos públicos. Para efeito deste estudo consideramos como área central, os bairros que estão dentro da mancha urbana intercalada desde os bairros da Barra-Ondina, Graça, Rio Vermelho, Vasco da Gama, Bonocô, Iguatemi, Brotas, Matatu, até o bairro de Nazaré, Comércio e centro histórico (Pelourinho) de Salvador.

O território que daremos mais atenção, refere-se àquela parte da cidade constituída por pobres, negros, os deserdados de direitos que se incluem na lógica do capital imobiliário através da exclusão urbana, habitando áreas insalubres, ilegais e em alguns casos invadidas: muito dos territórios dos herdeiros da pobreza, são espaços esquecidos pelo Estado, lugares segregados e com elevados índices de violência, por onde se conforma a única possibilidade de inserção na cidade.

A segunda referência é a antítese da primeira, os territórios abastados, são os bem servidos pela infra-estrutura urbana, habitados por pessoas que estão empregadas no mercado formal da economia que possuem poder de consumo, são áreas bem assistidas por serviços, transportes, segurança, áreas de lazer, escolas, postos de saúde etc. Somam-se ao território abastado da cidade os bairros tradicionais do Campo Grande, Canela, Corredor da Vitória, Graça, assim como a maioria dos bairros que margeiam a Orla Atlântica: Barra, Ondina, Rio Vermelho, Pituba e Costa Azul; e Itaigara, Alto do Itaigara, Caminho das Árvores, Stiep e um complexo de condomínio fechados em Piatã, Itapoã, Stela Mares etc. Territórios que poderíamos considerar como os da “cidade formal” e “cidade legal”, possuidora de equipamentos urbanos e da atenção dos órgãos públicos. Estes territórios podem ser compreendidos como “ilhas de riquezas”, principalmente os bairros do Itaigara, Alto do Itaigara e Caminhos das Árvores que se organizam como um conjunto de condomínios fechados, com algumas ruas “privatizadas” e segurança particular 24h.

No Subúrbio, predomina a informalidade, em termos urbanísticos e de mercado, assim como a precariedade. No Miolo coexistem habitações formais, conjuntos habitacionais de baixo padrão, loteamentos populares e moradias precárias. [...] Em uma região caracterizada pela pobreza de sua população, paradoxalmente, grande parte dos habitantes são proprietários de seus domicílios – precários ou não – podendo-se inferir que a impossibilidade de acesso da maior parte da população ao mercado imobiliário formal, e as soluções como aluguel de habitações, a leva a produzir sua própria moradia. [...] Isso quer dizer que mais de 80% dos domicílios são próprios e só 10% não é, também, de proprietários dos terrenos, o que se explica pelas invasões e a autoconstrução, processos motivados, em grande parte, pela impossibilidade da população de adquirir suas moradias e, também, pela carência de políticas públicas direcionadas a essa questão. (PEREIRA, G. C.; SOUZA, Â. G. 2006, p. 143)

Como conseqüência de um processo de urbanização, com territórios marcados por diferenças econômicas e raciais, constituído a partir de formas próprias de negociar e ocupar a terra urbana (lote/ espaço), temos a proliferação de um padrão de urbanização segregacionista, gerando o fenômeno da periferização que aguça a discriminação por classe, na mesma esteira de uma das mais cínicas formas de estruturar intervenções urbanas movidas por uma ideologia de controle e separação a se expressar na forma desigual da apropriação do solo urbano em Salvador, com a criação de áreas de “vocaçã para classes de baixa renda”.

Neste contexto, a classificação das pessoas em “classes sociais”, o ato de classificar e ser classificado e as formas e padrões de ocupação por renda das populações na cidade moderna evidenciam um processo de segregação que contribui para o estabelecimento da naturalização de uma cultura de pobreza e despossessões de direitos sociais, que se estabelece como um *ethos* social contemporâneo, que nos remete à necessidade de uma compreensão do conceito de pobreza em suas interfaces com a segmentação social. Conforme Dabrowsky, (2003, p.183) “a discriminação está na origem da segregação. Uma é sociológica e a outra é geográfica, afirmação que corrobora as análises de Espinheira, (2003, p.189), “que ao se referenciar o subúrbio Salvador, como lugar sujo, feio, desumano, logo um lugar discriminado, conota-se que também é habitado por pessoas também discriminadas e marcadas como seres socialmente impuros, doentes e desvalorizados”.

Conclusão

O capital que dinamiza a cidade é o mesmo que exacerba as desigualdades sociais, determinando um padrão específico de urbanização que se funda na segmentação do território urbano a partir de uma forma específica de dominação das elites, que se manifesta através da segregação social e da consolidação de um padrão periférico para o crescimento urbano¹⁰. Neste movimento o Estado, capturado pelo capital financeiro, intervem na cidade para atender interesses pré-determinados por este mesmo capital.

Na esfera urbana, este sequioso jogo que há tempos se manifesta em nosso país, se exacerba na atualidade com um abrupto encolhimento do Estado, figurando-se nos agenciamentos e nas parcerias imobiliárias com construtoras e incorporadoras que constroem áreas ricas como as Avenidas Antonio Carlos Magalhães e a Tancredo Neves, nas proximidades do Shopping Iguatemi e do Shopping Salvador, e áreas empobrecidas como o subúrbio ferroviário e o “miolo” urbano de Salvador. Nestas investidas do capital, o Estado contribui para a consolidação do

10 Cf. (TELLES, 2004) Trata-se de (...) uma relação social que diz respeito social que diz respeito à dinâmica da cidade, aos modos como a riqueza é distribuída (a disputada) e corporificada nas suas materialidades, formas e artefatos (Harvey), definindo as condições desiguais de acesso a seus espaços, bens e serviços.

“padrão periférico” de urbanização, que se enquadra em uma conjuntura econômica que mantém exacerbada a desigualdade social, condenando uma grande parcela da população brasileira a uma pobreza progressiva e submetida a formas de gerenciamentos filantrópicos de caráter pseudo-humanitário.

Neste esquema, o Estado como motor de desenvolvimento do país, parece ter perdido sentido, pois seu poder é vulnerabilizado e cada vez mais minimizado, fazendo elevar o índice da pobreza e o aumento de uma legião de trabalhadores sem trabalho, muitos em situação de desalento. Situação que subverte o sentido do Estado regulador da economia, em um Estado de arbitragem, obediente à economia neoliberal, um Estado capturado pela lógica da financeirização do capital e colocado a serviço da manutenção e gestão da pobreza, um Estado que em suas práticas se propõe apenas a arbitrar alguns conflitos¹¹.

Como resultante deste contexto, temos o aumento da disparidade entre classes e um elevado crescimento da pobreza. Em Salvador, por exemplo, entre as décadas 80 e 90, conforme o PNUD, o número de pobres aumentou de 26,9% para 33,6%. A situação se torna mais gritante porque a pobreza aumenta em concomitância com a desigualdade social, na qual uma parcela considerável da população passa a ser relegada a uma situação de pobreza absoluta.

Nos últimos quarenta anos, com a aceleração do capitalismo industrial que fomentou uma situação de modernização à Salvador, a expansão urbana seguiu aceleradamente a lógica imobiliária, que se convencionou denominar de especulação, termo que pode parecer em princípio exagerado, tornando-se adequado quando se observam os recursos utilizados pelos agentes imobiliários, proprietários e incorporadores, em suas interferências institucionais para elevar a apropriação de lucros e a realização de empreendimentos em locais em que há restrições legais. Mas não só nesta direção. O capital sempre atua em muitas frentes concomitantemente, e uma delas é a da política institucional para fazer pender, em seu favor, as decisões em casos ambíguos. Desta forma o Estado capturado e associado com o capital financeirizado se volta para o atendimento dos anseios privados em detrimento das necessidades sociais.

Na mesma equação de uma condição de pobreza estrutural, correlacionamos o crescimento da periferização, que nas cidades brasileiras, sobretudo em Salvador, não é uma consequência imediata do crescimento urbano, mas uma forma de promovê-lo com a segregação social e espacial e às forças do mercado, da especulação imobiliária, da propriedade privada etc. dando aos pobres a pobreza das condições de vida que a própria urbanização segregada produz: distância excessiva, precariedade de transporte e vias de acesso, das construções, da infra-estrutura em rede, de segurança, de serviços os mais diversos etc. A periferização, compreendida como uma das figurações da pobreza, faz parte do mesmo diagrama de expropriação de direitos sociais, construída e mantida por um modelo de desenvolvimento forjado e mantido por programas neoliberais legitimados pelo Estado brasileiro, que minimiza suas intervenções nas áreas urbanas pobres e maximiza nas áreas ricas.

11 Cf. (OLIVEIRA, 2003) Em uma análise sobre o Brasil o autor afirma que o subdesenvolvimento viria a ser, portanto, a forma de exceção permanente do sistema capitalista na sua periferia. Segundo Chico de Oliveira, no Brasil, quase se fundem mais-valias absolutas e relativas: “absoluta porque o capital usa o trabalhador quando necessita dele, relativa porque isso é possível somente devido à enorme produtividade. A contradição: a jornada da mais-valia relativa deveria ser de diminuição do trabalho não-pago, mas é o seu contrário. Então, graças à produtividade do trabalho, desaparecem os tempos de não-trabalho: todo o tempo de trabalho é tempo de produção”.

Referências:

- ALMEIDA, Paulo
H. **A economia de Salvador e a formação de sua região metropolitana.** In: CARVALHO, Ináia M.M & CORSO, Gilberto Pereira (Org). Como anda Salvador e sua Região Metropolitana. EDUFBA, Salvador, 2006.
- _____.: **A economia de Salvador em 2005.** Relatório parcial de pesquisa. Salvador: UFBA/SEMPPLAN- PMS, 2005b.
- CALDEIRAS, Tereza.
“**Enclaves fortificados: a nova segregação urbana.**”. Novos Estudos, São Paulo, CEBRAP, 47, março: (155- 78). 1997.
- CARVALHO, Ináia M.M & PEREIRA, Gilberto Corso (Org). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana.** EDUFBA, Salvador, 2006, 185 p.
- _____.: PINHO, José Antônio G. **Duas lógicas em confronto: solo urbano e moradia em Salvador.** In: RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz e AZEVEDO, (org) A crise de moradia nas grandes cidades. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p. 189-204.
- _____.: **Família e Pobreza.** In: SEI. Pobreza e desigualdades sociais. Salvador: 2003. p. 117 – 134 (Série estudos e pesquisas, 63)
- _____.: CODES, Ana Luiza Machado de. **Segregação Socioespacial e dinâmica metropolitana.** In: _____.: (Org). Como anda Salvador e sua Região Metropolitana. EDUFBA, Salvador, 2006, 185 p.
- _____.: ALMEIDA, Paulo Henrique; AZEVEDO, José Sérgio G. **Dinâmica metropolitana e estrutura social em Salvador.** Tempo Social: Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 13, n.2, p. 89-114, 2001.
- CERTEAU, Michel – **Teoria e método no estudo das práticas cotidianas.** In: Cotidiano, cultura popular e o planejamento urbano, São Paulo, FAU – USP, 1985.
- CODES, Ana Luiza. **Combate à pobreza na América Latina: uma abordagem comparativa.** In: SEI. Pobreza e Desigualdade Social. Salvador: 2003, p. 47-64. (Série estudos e pesquisas 63).
- ESPINHEIRA, Carlos (Gey) & SOARES, Antonio Mateus de C. **Pobreza e marginalização: um estudo da concentração e da desconcentração populacional nas metrópoles latino-americanas: o caso de Salvador, no Brasil.** In ANAIS do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú - MG, 2006.
- ESPINHEIRA, G. (org) **Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador.** UFBA, Salvador, 2004.
- _____.: **Salvador: A cidade das desigualdades.** Cad. CEAS, Salvador. 1999.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 8ª. Ed. Edições Loyola. São Paulo, 1999.
- _____.: **Espaços de Esperança.** Capítulo 3 - Operários de todo o mundo, uni-vos. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____.: HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade.** São Paulo: Editora Hucitec, 1980.
- IVO, Anete B. L. **Metamorfoses da questão democrática: governabilidade e pobreza.** Buenos Aires: CLASCO/ASDI, 2001, 205p.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no Mundo Moderno.** Tradução Alcides João de Barros. Editora Ática, São Paulo, 1991.
- LIMA, Ana Luiza Machado de Codes. **Mensuração da Pobreza: uma reflexão sobre a necessidade de articulação de diferentes indicadores.** Caderno CRH, Salvador. v. 17, n. 40, p. 129 – 141, Jan./Abr. 2004.
- MARICATTO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo.** São Paulo, Hucitec, 1996.
- MARCUSE, Peter. **A construção social da segregação urbana: convergências e divergências.** Revista Espaço e Debates: Segregações Urbanas – São Paulo. v. 24, no. 45, jan/julho 2004.
- OLIVEIRA, Francisco de - **Acumulação monopolista, estado e urbanização: a nova qualidade do conflito de classes - in Contradições urbanas e movimentos sociais - São Paulo, CEDEC/Paz e Terra, 1977.**

- OCEPLAN – PLANDURB. Evolução física-urbana de Salvador. Salvador, 1978.
- PEREIRA, Gilberto Corso. **Atlas digital Salvador**. Salvador: LCAD/UFBA, 2000. CD-ROM.
- PAUGAM, Serge. Desqualificação Social: Ensaio Sobre a Nova Pobreza. Editora Cortez: EDUC. São Paulo, 2000.
- PRÉTEICEILLE, Edmond. **A construção social da segregação urbana: convergências e divergências**. Revista Espaço e Debates: Segregações Urbanas – São Paulo. v. 24, no. 45, jan/julho 2004.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Urbanização e Planejamento no Brasil - 1960/1983**. In: Cadernos de Pesquisa do LAP 11. AUH/FAU/USP, São Paulo, 1996.
- SAMPAIO, Antonio Heliódoro L. **Formas Urbanas: Cidade Real & Cidade Ideal**. Salvador. Quarteto Editora/PPG/AU, Faculdade de Arquitetura da Ufba, 1999.
- SANTOS, Milton. O centro da cidade de Salvador. Salvador: UFBA, 1959.
- SCHERER – WARREN, Ise. **As múltiplas faces da exclusão nas lutas pela cidadania**. In: Caderno CRH, Salvador. v. 17, n. 40, p. 55 – 60, Jan./Abr. 2004.
- SERPA, Ângelo (org). **Fala Periferia!** [...] a produção do espaço periférico soteropolitano. Salvador – 2001.
- SOUZA, Ângela Ma. Gordinho. Mudanças urbanas em Salvador no final do século XX. Revista BAHIA ANÁLISE & DADOS. Salvador – BA, SEI. v . 4, p. 53-73, 03/ 2000.
- TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e Cidadania**. São Paulo:USP, Curso de Pós Graduação em Sociologia/Ed. 34, 2001.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra - Urbano no Brasil**. São Paulo. Studio Nobel, Lincoln Institute, Fapesp.1998.